

Fiocruz sediou o 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, que reuniu mais de 8 mil pessoas

Luiza Gomes

Em um cenário em que as áreas de saúde, ciência e tecnologia sentem agudamente as restrições impostas por cortes em seus orçamentos, a organização, no final de julho, do 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (Abrascão) encarou o desafio de reunir mais de 3 mil instituições, entre universidades e centros de pesquisas públicas e privadas, conselhos de saúde, além de secretarias municipais e estaduais, governo federal e movimentos sociais pela primeira vez no *campus* de Manguinhos da Fiocruz. Foram mais de 8 mil pessoas circulando pela sede da Fundação para elaborar estratégias coletivamente e fortalecer as redes de pesquisa, ensino, educação popular e as lutas sociais do campo da saúde pública frente aos tempos atuais. Realizado em um país de proporções continentais, referenciado como expressão viva da biodiversidade e variedade étnica de um povo, o Abrascão buscou refletir essa característica de forma plural e com demarcado compromisso ético com grupos sociais historicamente minorizados, com os povos e saberes tradicionais, e os movimentos sociais. Na abertura houve uma homenagem à vereadora assassinada Marielle Franco. A irmã dela, Anielle Silva, recebeu a homenagem em nome da família.

Viabilizado quase exclusivamente com recursos da própria Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) – cerca de 70%, e o restante de parceiros institucionais –, a realização do 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva buscou dar vida e materialidade

Abrascão: a força da sociedade civil



O 12º Abrascão reuniu mais de 3 mil instituições, entre universidades, centros de pesquisa, conselhos de saúde, secretarias municipais e estaduais, governo federal e movimentos sociais (Foto: Peter Illiciev)

ao seu aspecto político dando atenção especial à questão do acesso, mas não se restringindo a ele. Seja na programação científica, na curadoria das atividades culturais, à escolha dos empreendimentos e movimentos responsáveis pela alimentação, a comissão organizadora do Abrascão buscou contemplar a rica diversidade de públicos e temáticas subentendida nos debates do campo da saúde coletiva.

Dos 7.562 inscritos, cerca de 20% do público acessou o Congresso por intermédio de isenções (1.408 não precisaram pagar). Destes, 170 isenções foram concedidas pela organização do Abrascão a Agentes Comunitários de Saúde (ACS), membros do Conselho Gestor Intersetorial (CGI) – Teias-Manguinhos, pequenos agricultores, movimentos sindicais, movimento de Saúde do Trabalhador, membros da Frente contra a Privatização do SUS, movimentos de Manguinhos, educadores do programa Educação Popular em Saúde EdPopSUS, da

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio), entre outros. A participação teve certificação emitida pela Abrasco. Os mais de 400 monitores que atuaram voluntariamente no Congresso – graduandos ou pós-graduandos na área de saúde coletiva – que vieram de diferentes estados brasileiros também obtiveram isenção, bem como aqueles que subscreveram seus trabalhos.

Ao longo dos quatro dias, 139 visitantes circularam no evento e participaram das atividades das tendas Paulo Freire e Marielle Franco. Entraram nessa categoria aqueles que vieram em apenas alguns dos dias de congresso. Esses também tiveram acesso garantido aos debates. Foi o caso de membros de organizações do território, movimento de pequenos agricultores, educandos do curso técnico de Agente Comunitário de Saúde ou do EdPopSUS e ACS já formados. As informações são da organização da Tenda Paulo Freire.

Programação

De 136 mesas-redondas, 25 delas tiveram participação da sociedade civil organizada a partir de movimentos sociais, ONGs, institutos, coletivos, fóruns sociais e outras modalidades de articulação. Isso representa cerca de 20% das mesas. Foram tematizadas questões implicadas no direito à saúde, tais como o direito à cidade e à terra, as iniquidades sociais e suas expressões no campo da saúde, a questão das violências institucionais, da proteção de dados, das políticas sociais, os direitos da população negra, LGBTII, dos moradores de periferias, povos tradicionais, e diferentes olhares abrangendo a perspectiva das determinações sociais da saúde – que constavam não só nas mesas, mas também nas comunicações orais e até na programação cultural.

A curadoria do evento fez a opção de prestigiar os grupos culturais vindos de territórios vulnerabilizados da cidade do Rio de Janeiro, suas experiências



O presidente da Abrasco, Gastão Wagner, e a irmã da vereadora Marielle Franco, Anielle Silva, na homenagem na abertura do evento (Foto: Abrasco)

artísticas e linguagens. Um dos critérios empregados foi a de performances e ações cujo conteúdo e a estética instigassem a reflexão sobre as condições de vida do brasileiro. Mais de 40% entre esses eram oriundos das favelas de Manguinhos, Complexo do Alemão, da Maré, de bairros da Zona da Leopoldina, Campo Grande e municípios da Baixada Fluminense – localidades fora do eixo comercial de produção cultural. Houve intervenções artísticas com o grupo Slam Laje, da Maré; do Hip Hop Saúde, de Manguinhos; cortejos; maracatu; exposições; shows, entre outros. Uma reportagem de cobertura sobre a programação cultural do Abrasco foi produzida e está disponível no link <https://agencia.fiocruz.br/programacao-cultural-do-abrascao-pautou-determinacao-social-da-saude>.

Tenda Paulo Freire

Na definição dos organizadores: um espaço autogestionado, de construção coletiva e marcado pela circularidade de saberes. A Tenda Paulo Freire é parte integrante da programação do Abrasco e de outros congressos como de epidemiologia, vigilância, e das conferências de Saúde, configurado, em todos esses, como um espaço aberto e de livre acesso à população.

Privilegiando os formatos abertos e as trocas entre as pessoas, a Tenda Paulo Freire teve grande circulação de pessoas e excelente adesão aos debates, segundo organizadores. Os temas cobriam desde política de equidade, saúde da população negra e LGBTII, além do trabalhador, diálogos sobre a soberania alimentar, agroecologia, os saberes populares e o desmonte do SUS. No último dia, a Tenda sediou uma grande plenária de reflexão sobre os desafios e horizontes de enfrentamento previstos pelo movimento de educação popular em saúde. Os movimentos lá presentes depois marcharam em cortejo até o encerramento oficial do Congresso na Tenda Marielle Franco.

Como parte da programação da Tenda, também aconteceu o Espaço de Cuidado, com movimentação diária de cerca de 60 pessoas com atendimentos em Práticas Integrativas e Complementares em



O Congresso contou com a participação de movimentos de defesa dos direitos e da saúde indígena, das mulheres, da população LGBTI, das pessoas negras e de outros grupos vulneráveis (Foto: Abrasco)

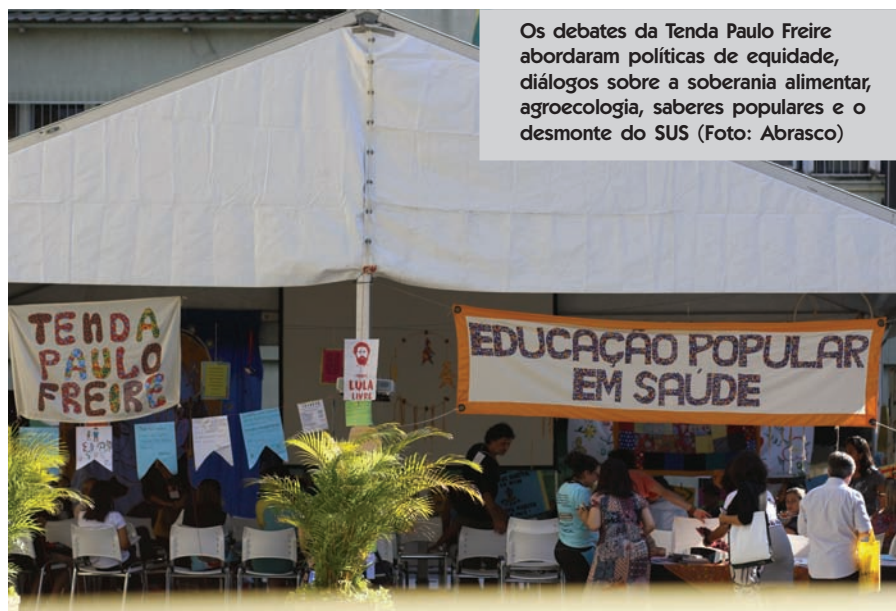
Saúde (Pics), como reiki, auriculoterapia, florais e aromaterapia. A programação da Tenda Paulo Freire foi divulgada pelas mídias institucionais da Fiocruz e Abrasco na semana do Congresso.

Ações de comunicação

Como forma de garantir a vocalização de narrativas populares acerca dos temas debatidos, a subcomissão de Comunicação da Comissão Organizadora Local realizou um trabalho de sensibili-

zação de jornalistas e editores de veículos de comunicação comunitária, com os comunicadores de organizações da sociedade civil e movimentos sociais sobre a importância de participarem dos debates colocados no Congresso. Da programação de 136 mesas-redondas, foi feita uma criteriosa seleção de sugestões de pauta e cobertura direcionadas às áreas de interesse de cada grupo de mídia.

O Congresso foi noticiado pelo portal Brasil de Fato, Outras Palavras, coberto pela Rede TVT do Rio de Janeiro e algumas atividades transmitidas pelo jornal *Fala Manguinhos!*, além de ter recebido a presença



Os debates da Tenda Paulo Freire abordaram políticas de equidade, diálogos sobre a soberania alimentar, agroecologia, saberes populares e o desmonte do SUS (Foto: Abrasco)

de comunicadores de *web* rádios universitárias de outros estados, e repórteres do Portal Gênero e Número (revista/Iniciativa de jornalismo incubada pela Agência Pública). O Portal Rio On Watch, vinculado à ONG estrangeira Comunidades Catalisadoras, vem publicando entrevistas produzidas pelo editor do *Fala Manguinhos!*, Edilano Cavalcanti. A Abrasco, por sua vez, vem republicando esses materiais reforçando sua circulação, e contribuindo para a pluralização das vozes propagadas no espaço público virtual.

Diversidade

O Congresso contou com a participação de movimentos de defesa dos direitos e da saúde indígena, das mulheres, e da população LGBTI, das pessoas negras, movimento de pescadores, petroleiros, relacionados à questão da terra, das violências, coletivos de comunicação, movimentos de favelas, movimentos de educação popular em saúde, comitês para enfrentamento de doenças infecciosas e negligenciadas,

de pessoas com deficiência, fóruns sociais, entre outros. Entre as opções de alimentação oferecidas nos dias de Congresso, estavam os quintais dos pequenos agricultores, a produção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a Via Campesina e a Rede Carioca de Agricultura Urbana.

16ª Conferência Nacional de Saúde

Considerada o maior evento de participação social do Brasil, a Conferência Nacional de Saúde lançou sua 16ª edição durante o Abrascão. Com o tema *Democracia e saúde: saúde como direito e consolidação e financiamento do SUS*, a conferência também está sendo chamada de “8ª + 8”, aludindo à 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, marco para a democracia participativa e para a criação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Documento final

A importância da participação social e das políticas de equidade foram destacadas no documento construído pelos participantes do Congresso. Nele, são reafirmados “a defesa de uma sociedade democrática, justa, respeitosa da diversidade, solidária e orientada pela igualdade, com estratégias de promoção da equidade social, cultural, territorial, de gênero, de etnia e o combate a todas as formas de violência, intolerância, discriminação, racismo, homofobia, segregação e exclusão”; “a defesa do direito à saúde e do Sistema Único de Saúde, em seu caráter efetivamente público e universal, como pilar do sistema de proteção social e um projeto político da Nação e do povo brasileiro” e “a defesa da manutenção e avanço na garantia da integralidade da atenção a partir das políticas nacionais de saúde bucal, mental e de populações das políticas de equidade – LGBTI, do campo, negra, indígena”.

Ato em defesa do SUS durante o Abrascão (Foto: Abrasco)

